



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO E LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

ALINNE DA SILVA OLIVEIRA

**SOBRE O SENTIDO DO TRABALHO: ENTRE FRANKL E
DEJOURS**

CAMPINA GRANDE – PB

2013

ALINNE DA SILVA OLIVEIRA

**SOBRE O SENTIDO DO TRABALHO: ENTRE FRANKL E
DEJOURS**

Artigo apresentado ao Curso de Psicologia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de formação em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB

2013

O48s Oliveira, Alinne da Silva.

Sobre o sentido do trabalho [manuscrito] : entre Frankl e Dejours / Alinne da Silva Oliveira. – 2013.

29 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2013.

“Orientação: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio, Departamento de Psicologia”.

1. Psicodinâmica do trabalho. 2. Logoterapia. 3. Psicologia organizacional. I. Título.

21. ed. CDD 158.723

ALINNE DA SILVA OLIVEIRA

SOBRE O SENTIDO DO TRABALHO: ENTRE FRANKL E DEJOURS

Artigo apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em 06/09/2013.



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB
Orientador

Lorena Bandeira da Silva
Prof.^a Bel. Lorena Bandeira da Silva / UEPB
Examinadora



Prof. Sérgio Murilo Araújo Duarte
Examinador

*Dedico esse trabalho às pessoas mais
essenciais e especiais da minha vida:
Nilza, Otacílio e Amanda.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, pela fé inabalável e por ser meu guia em todos os momentos da minha vida, obrigada Senhor pela Tua fidelidade.

Aos meus pais, Otacílio e Nilza, que desde o princípio sempre acreditaram na minha capacidade e apoiaram sem medidas meus sonhos. Agradeço todo o investimento, amor e ensinamentos que me fizeram chegar até aqui e construir quem sou hoje. Vocês são o orgulho da minha vida e meus espelhos para tudo que eu faço. Amo muito vocês!!

À minha irmã, Amanda, pelas horas de conversa, pelos conselhos, pelas risadas, pelas brigas, por tudo que vivemos juntas e ainda vamos viver. Obrigada por ser minha melhor amiga sempre, afinal, somos irmãs pelo destino e amigas por opção! Amo você Miu!

Aos meus avós Maria Anna (primeira e única) e Natanael Pedro, que torceram sempre por mim. Muito obrigada!

Aos meus tios e tias, agradeço o aprendizado que tive com vocês e ainda terei. Especialmente ao tio Lula e tia Neide que se fizeram presentes durante toda a minha vida; Tio João, que com sua irreverência, me ensinou que a vida não deve ser levada tão a sério; Vózinha, pelo carinho e amor a mim dedicados; tio Marto e tia Nilma, que me acolheram por um ano em sua casa e me trataram como uma filha; à tia Neide, pelo amor e cuidado comigo; a todos os outros que não citei (são muitos), vocês são muito especiais para mim. Obrigada por tudo.

A todos os meus primos e primas que torceram por mim e se fizeram presentes de alguma maneira. Especialmente à Márcia, Fabíola, Mariana e Diego, muito obrigada pelas conversas e conselhos que sempre me fizeram tão bem.

Ao meu orientador, Professor Edmundo Gaudêncio que desde o início acreditou em mim e muito me ajudou na execução desse trabalho. Aos membros da banca examinadora Lorena, pela amizade de sempre, obrigada! O carinho por você é enorme! Ao Professor Sergio Murilo, que prontamente aceitou me avaliar e pela simpatia, obrigada!

Aos meus amigos sul-mato-grossenses Jaime, Leandro, Bella, Hévelyn, Diego, obrigada por sempre me acolherem tão bem e serem tão fiéis a nossa amizade mesmo com a

distância tão grande, e a todos os outros do Mato Grosso do Sul, que de alguma maneira contribuíram com minha formação.

Às minhas BFF's Marlane e Rayanne, muito obrigada pela amizade, confiança, amor, por estarem presentes em todas as horas da minha vida, por fazerem de minha estadia em Campina Grande a melhor possível. À Kaíza, Rita, Kainara e Iara, pela amizade tão sincera, pelas conversas e por todo o carinho, muito obrigada! Amo vocês meninas!

A todos os amigos que conquistei na Paraíba, em especial à Ruth, que no início de toda essa jornada esteve comigo e se mostrou uma amiga verdadeira, que me acompanha até hoje; Tchuco, vulgo Erison, que nos últimos anos se mostrou um grande amigo; Wanderson, amigo pelo qual tenho um imenso carinho e extrema confiança; a todos os colegas da Psicologia, especialmente os da minha turma, muito obrigada.

Aos meus amigos que estão tão, tão distantes Jonathan e Isabelle, com vocês descobri que a amizade verdadeira não tem fronteiras, pode alcançar o mundo todo. Obrigado por estarem sempre tão presentes.

À minha querida família Amadurecendo em Cristo, especialmente à Edglay e Suerda, que sempre se preocuparam comigo desde o instante que nos conhecemos, à Cleber, meu irmão, amigo, que é sempre tão disponível e carinhoso e a todos os outros irmãos que ganhei, obrigada por estarem presentes sempre.

A todos os professores do departamento de Psicologia que estiveram presentes em minha jornada e contribuíram de maneira essencial na formação. Especialmente à professora Carmita pelas oportunidades, conselhos e pelo carinho e à professora Josevânia, que tanto me ensinou não só sobre a Psicologia, mas também sobre a vida, obrigada!

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram com minha formação e construção desse trabalho, muito obrigada!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. DISCUSSÃO.....	11
2.1 Psicodinâmica do trabalho.....	11
2.1.1 O sofrimento no ambiente de trabalho.....	14
2.1.2 Estratégias de defesa.....	16
2.1.3 Prazer no trabalho.....	17
2.2 Logoterapia.....	18
2.2.1 Bases filosóficas da Logoterapia.....	18
2.2.2 Principais conceitos.....	20
2.2.3 O sentido do trabalho.....	22
2.2.4 Neurose de desemprego.....	23
2.2.5 Neurose dominical.....	24
2.3 Apontamentos comparativos.....	24
3. COMENTÁRIOS FINAIS.....	26

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOBRE O SENTIDO DO TRABALHO: ENTRE FRANKL E DEJOURS

OLIVEIRA, Alinne da Silva¹

RESUMO

O trabalho pode, muitas vezes, frustrar as expectativas das pessoas, fazê-las sofrer e, com isso pode tornar-se sem sentido. Este artigo busca explicitar como o sentido do trabalho pode ser estudado e analisado sob duas diferentes vertentes: a Logoterapia de Viktor E. Frankl e a Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours e, além disso, como é encontrado esse sentido frente aos sofrimentos que podem ser vivenciados nas organizações. Trata-se de uma investigação preliminar de revisão bibliográfica das obras dos referidos autores e outras obras complementares. Conclui-se que em ambas as teorias o sentido do trabalho só poderá ser descoberto se, ao final do processo de seu trabalho, o indivíduo conseguir reconhecer as características únicas de sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Psicodinâmica do Trabalho. Logoterapia.

ABSTRACT

The work can often disappoint the expectations of people, make them suffer and it may become senseless. This article seeks to explain how the meaning of work can be studied and analyzed from two different aspects: Logotherapy by Viktor E. Frankl and work psychodynamics by Christophe Dejours and, furthermore, how this meaning is found and can be experienced in organizations. This is a preliminary investigation of a bibliographic review of the works of these authors and other complementary works. We conclude that to both theories, the meaning of work could only be discovered if, at the end of the process of their work, the individual could recognize the unique characteristics of their identity.

KEYWORDS: Work. Psychodynamic Labour. Logotherapy..

1. Introdução

É possível encontrar um sentido no trabalho diante dos sofrimentos vivenciados nas organizações? E mais: é possível comparar duas teorias, a Psicodinâmica do Trabalho, de Dejours, e a Logoterapia de Frankl? O que ambas tem a dizer sobre isso?

Na sociedade moderna o trabalho possui um papel de grande importância para o homem, pois garante não só a segurança material, mas deve ser também fator de motivação e

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail para contato: oliveiralinne@gmail.com

satisfação pessoais. Além disso, constitui um importante fator de socialização e ligação com a realidade. (ÁLVARO-ESTRAMIANA, 1992).

Com esse objetivo, o ser humano é influenciado desde a infância, pela família e pela sociedade, a ter uma rotina com regras e horários, visando à educação, formação e dedicação ao sucesso profissional. Quando este é alcançado, o indivíduo percebe que podem existir alguns fatores, como o clima organizacional, a carga horária ou remuneração, que transformam o trabalho em fonte de estresse e insatisfação, sofrimento, ou, em prazer.

A maneira como o indivíduo lidará com esse sofrimento, ou o prazer, causado pelo trabalho, é estudado na Psicodinâmica do Trabalho, por Christophe Dejours (1949), que iniciou suas pesquisas no assunto após perceber que a normalidade produzida pelos sujeitos dentro do ambiente de trabalho pode ser, na verdade, o sintoma de um estado patológico, quando, dentro das organizações, se busca “mascarar” o sofrimento vivido através de estratégias de defesa, no sentido de manter a produtividade e isso pode estender-se para a vida fora do trabalho. A Psicodinâmica do Trabalho é formulada a partir da Psicanálise e sua trajetória se inicia em uma tradição francesa denominada Psicopatologia do Trabalho. A partir do estudo de situações concretas de trabalho, Dejours muda o foco de estudo e surge então seu trabalho intitulado “*Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*”, com enfoque nas vivências de prazer-sofrimento como dialéticas e inerentes a todo o contexto de trabalho. (MENDES, 2007)

As estratégias de defesa e o sofrimento podem ser, na verdade, uma saída para a saúde. Assim, intervir na organização do trabalho contribuirá no processo de saúde e permitirá aos sujeitos transformar o sofrimento em um sentido, em inteligibilidade e em ação, o que não significa anular o sentimento, mas transformá-lo no prazer da reapropriação ao vivido pela ação. (DEJOURS et al, 1994).

Em se tratando de busca pelo sentido não só na vida, mas também no trabalho, a escola de Psicoterapia podemos citar a Logoterapia. De modo geral, a escola fundada por Viktor Emil Frankl (1905-1997) é centrada no sentido de vida. Sentido esse que é pessoal e intransferível e que não pode ser inventado, ou seja, deve ser descoberto pelo sujeito. A busca pelo sentido significa descobrir um para que viver, indo além de si mesmo, esquecendo-se de si e direcionando-se para algo a ser realizado, um objetivo ou mesmo uma pessoa amada (BENINCÁ, 2007).

No ambiente de trabalho, o indivíduo pode lidar com as mais diversas situações e, no mundo capitalista em que vivemos, o trabalho se tornou algo mecânico onde a capacidade criativa do sujeito lhe foi retirada e o mesmo não vê seu trabalho pronto, causando algumas vezes grande insatisfação e sofrimento. Diante da consciência de sentido de vida que Frankl apresenta, o sujeito pode descobrir nesse sofrimento vivenciado nas organizações, sua missão dentro daquele ambiente, é o que Frankl chama de Sentido do Trabalho.

Diante do exposto, o objetivo do presente artigo é encontrar uma relação entre os sofrimentos vivenciados pelo indivíduo no ambiente de trabalho e o sentido que pode ser encontrado a partir desse sofrimento, estabelecendo, dessa forma, um diálogo entre as teorias da Psicodinâmica do Trabalho e o Sentido do Trabalho para a Logoterapia.

Sendo assim, este Trabalho de Conclusão de Curso se justifica, primeiramente, por ser uma investigação preliminar, através de revisão bibliográfica, sobre um campo ainda não muito estudado, pelo interesse pessoal em discorrer sobre o tema e conseguir estabelecer a relação que pode existir entre esses dois campos do saber da Psicologia e, por fim, por ser uma exigência institucional para todos os cursos de graduação oferecidos pela Universidade Estadual da Paraíba.

2. Discussão

2.1 Psicodinâmica do trabalho

A psicodinâmica do trabalho foi construída, inicialmente, com referenciais teóricos da psicopatologia e evoluiu para uma abordagem autônoma. Suas bases conceituais são elaboradas a partir da análise da dinâmica inerente a determinados contextos de trabalho, caracterizada pela atuação de forças que podem ou não arruinar esses contextos.

Pode-se dizer que o objeto de estudo da psicodinâmica é “o estudo das relações dinâmicas entre organização do trabalho e processos de subjetivação que se manifestam nas vivências de prazer-sofrimento, nas estratégias de ação para medir contradições da organização do trabalho, nas patologias sociais, na saúde e no adoecimento.” (MENDES, 2007, p. 30)

Para manter o estado de normalidade e evitar o sofrimento, o trabalhador desenvolve estratégias de defesa, através do investimento de inteligência, personalidade e de cooperação que, articulados entre si, mantém a saúde do trabalhador. No entanto, para que essas estratégias tenham efeito, devem ser desenvolvidas de maneira coletiva, já que, se praticadas individualmente, talvez não sejam suficientes para mudar a realidade do trabalho.

Pode-se dizer que a psicodinâmica do trabalho percorreu uma trajetória conceitual em três distintas fases que se complementam entre si e determinadas em publicações específicas.

A primeira fase é caracterizada pela obra “A loucura do trabalho: estudos de psicopatologia do trabalho”, em 1980, na França, e traduzida no Brasil em 1987. Nessa obra, Dejours contempla estudos que vem desde os anos 1970 onde, a então Psicopatologia do trabalho tem como base central o conflito entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico, ou seja, a origem do sofrimento no confronto com a organização do trabalho. A psicopatologia do trabalho foi inaugurada nos anos 1950-1960 pelos autores L. Le Guillant, C. Veil, P. Sivadon, A. Fernandez-Zoila e J. Begoin. “As publicações de até então faziam referencia a um modelo causal: as vicissitudes do trabalho poderiam provocar distúrbios psicopatológicos.” (DEJOURS, 2004, p. 49). O trabalho, mais especificamente o trabalho industrial, era visto como um mal socialmente engendrado, nocivo à saúde, o que, conseqüentemente, causaria o sofrimento dos trabalhadores ao confrontar a organização do trabalho.

Essa organização do trabalho era considerada como um dado preexistente ao encontro do homem com o seu trabalho, como um conjunto de constrangimentos maciços, monolíticos e inflexíveis, no entanto, os homens não eram passivos ante os constrangimentos. Daí surge o conceito das estratégias de defesa, onde o sujeito, diante dos constrangimentos organizacionais, é capaz de criar uma proteção. Certamente sofrem, mas sua liberdade pode ser exercida através das estratégias de defesa individuais ou coletivas. Esse conceito é conduzido pela referência ao modelo psicanalítico do funcionamento psíquico, cuja economia é inserida entre organização do trabalho, como causa, e a doença mental, como efeito, (DEJOURS, 2004).

Passada a fase de estudos sobre o desenvolvimento de psicopatologias no trabalho, Dejours deixa de focalizar suas pesquisas nas doenças mentais e volta sua atenção ao sofrimento e as defesas contra o sofrimento. Com essa perspectiva, admite as falhas da pesquisa sobre patologia mental do trabalho e toma consciência de que os trabalhadores conseguiam conjurar a loucura, diante dos constrangimentos vividos na organização e, diante de suas observações, a normalidade surge como enigma central de investigação, normalidade essa que surge do equilíbrio instável entre o sofrimento e as defesas contra o sofrimento. Após essa passagem da patologia ao estudo da normalidade, surge a proposta de uma nova nomenclatura para designar suas pesquisas: a psicodinâmica do trabalho.

Com a criação de uma nova nomenclatura, surge a segunda fase na trajetória da psicodinâmica e esta se caracteriza por duas obras: “Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho”, publicada na França em 1993 e traduzida no Brasil em 2004; e, em 1995, “O fator humano”, na França, traduzido no Brasil em 1999. Nesta fase, a psicodinâmica abre caminhos para uma perspectiva mais ampla, enfoca as vivências de prazer-sofrimento como próprias de todo contexto de trabalho. Não mais somente o homem é analisado, mas também o trabalho e as estratégias usadas pelos sujeitos para confrontar a organização do trabalho como um todo, num contexto mais geral, para evitar o adoecimento e garantir a produtividade. Sendo assim, para transformar um trabalho que faz sofrer em algo prazeroso, é necessário que a organização do trabalho proporcione liberdade criativa ao sujeito para engajar-se no coletivo e identificar ações capazes de promover vivências de prazer. Isto pode ser possível, pois a relação entre a organização do trabalho e o homem não é estática, está sempre em movimento, ou seja, “a estabilidade dessa relação está assentada em

um equilíbrio livre e aberto à evolução e às transformações, um equilíbrio dinâmico, em contínuo deslocamento.” (DEJOURS, 2004, p. 58)

No entanto, a organização real não é como a prescrita, assim como há diferenças entre o trabalho real e o prescrito. Sabe-se que o indivíduo deve executar o trabalho de acordo com o que é determinado, porém, devido às condições físicas, espaço, maquinário, tempo e quanta liberdade é dada para realizá-lo, o trabalho real acaba se tornando diferente daquele que foi ordenado.

Dejours, apud Dessors e Schram (1992), afirma que a análise psicodinâmica das situações de trabalho apontará, por sua vez, uma dimensão específica do hiato entre o prescrito e o real. Ou seja,

[...] que a organização do trabalho não é absolutamente absorvida pelos assalariados[...]; todos os preceitos são reinterpretados e reconstruídos: a organização real do trabalho não é a organização prescrita. Não o é jamais: é impossível prever tudo e ter o domínio sobre tudo [antecipadamente ao trabalho]. Mas a distância entre a organização prescrita e a real não tem sempre a mesma sorte: ora é tolerante, ora oferece margens à liberdade criadora; ora é restrita, e os assalariados receiam ser surpreendidos cometendo erros. O mais comum é que seja simultaneamente uma e outra, tolerante ali onde o ganho é visível, restrita lá, quando se observa como capaz de regular e desobediência e a fraude (p. 62).

Depois de realizar pesquisas, verificou-se que a organização do trabalho em si é carregada de contradições. Cada incidente ou acidente leva a uma nova normatização, cada normatização nova, somada ao número de regras já existentes, torna-se tão grande que se os trabalhadores fossem seguir à risca a organização real do trabalho, seria impossível exercer o trabalho de maneira satisfatória. Desta forma, a elaboração da organização real do trabalho implica o afastamento das prescrições para dar início à atividade de interpretação. Pode existir uma multiplicidade de interpretações possíveis e concomitantes conflitos entre as interpretações dos agentes. Construir um compromisso é essencial para a construção da organização real do trabalho e é de fato um produto das relações sociais. Além disso, é dado enfoque à análise do trabalho real como lugar de construção da identidade do trabalhador a partir do estudo da dinâmica de seu papel nas vivências de prazer e de sofrimento e o impacto que essas vivências vão causar na nova estrutura da organização do trabalho.

O desafio da psicodinâmica nesta fase é definir ações sensíveis para tentar modificar o destino do sofrimento e favorecer sua transformação. Dessa forma, o sofrimento pode transformar-se em criatividade e trazer contribuições para a identidade do sujeito, aumentando sua resistência ao risco de desestabilização psíquica, funcionando, até, como agente de saúde.

Na terceira fase, pode-se caracterizar a consolidação da psicodinâmica do trabalho como abordagem científica que interpreta e explica os efeitos do trabalho na subjetivação e saúde do trabalhador. Aqui, o foco se desvia um pouco das vivências de prazer e sofrimento para a maneira como os trabalhadores vão subjetivar essas vivências, o sentido que é dado a elas e o uso das estratégias de defesa coletiva e cooperação na nova forma de organização do trabalho.

A cooperação é um fator que se destaca pelo grau de interação produzido entre trabalhadores na organização do trabalho. Como afirma Dejours (2004, p. 67),

[...]não se trata apenas de assegurar as condições lógicas e as condições cognitivas de uma articulação conquistada nas atividades singulares, mas também a vontade das pessoas de trabalharem juntas e superarem coletivamente as contradições da organização do trabalho.

O que importa, na verdade, à cooperação, é a liberdade que os indivíduos possuem e a formação de uma vontade coletiva. Se ela é um fator de liberdade, não pode ser prescrita sob pena de insultos paradoxais. Sem a cooperação, a situação seria correspondente a um ato de bloqueio da produção.

Por outro lado, para que exista uma boa relação de cooperação entre os trabalhadores, é essencial que haja confiança entre eles, nos chefes, nos subordinados, enfim, entre todos os postos hierárquicos existentes dentro de uma empresa. Porém, não é algo fácil de adquirir, principalmente no ambiente de trabalho. Hoje, conclui-se que a confiança não é um sentimento, não participa da ordem do psicoafetivo. Diz respeito à ordem da ética e da moral, ou seja, da construção de normas, regras que enquadram a maneira como se executa o trabalho.

Além disso, são estudadas patologias sociais como depressão, banalização do sofrimento, violência moral, exclusão do trabalho, entre outras. Esta fase inicia-se na década de 1990 e continua em desenvolvimento até os dias atuais e é marcada, principalmente, pela publicação do livro “A banalização da injustiça social” de Christophe Dejours, lançada na França em 1998 e no Brasil em 1999.

2.1.1 O sofrimento no ambiente de trabalho

O pensamento dejouriano sobre sofrimento no ambiente de trabalho encontra-se no desenvolvimento industrial e as mudanças sociais ocasionadas por ele. Com condições de

trabalho arriscadas, a sociedade industrial convivia com alta morbidade, crescente mortalidade e uma longevidade extremamente reduzida, a batalha pela saúde era a própria luta pela sobrevivência. (DEJOURS, 1998)

As exigências do trabalho são em si mesmas uma ameaça tanto à saúde física quanto à saúde psíquica do trabalhador. No período que se configura entre a primeira guerra mundial e a crise vivida pelo sistema taylorista, o trabalhador buscava defender seu corpo dos acidentes, intoxicações e doenças profissionais. Dejours (1998) afirma que o corpo é a primeira vítima do sistema, explorado e fragilizado pela privação de seu protetor natural, que é o aparelho mental.

Com o desenvolvimento industrial e tecnológico, a carga física do trabalho diminui, surgem novas condições e são descobertos novos sofrimentos, acentuando-se a dimensão psíquica no trabalho. A partir disso, Dejours fundamenta a clínica do sofrimento, definindo-o como uma psicopatologia, tendo como agente causador as pressões do trabalho que podem desestabilizar o equilíbrio mental na organização do trabalho. Dejours (1993) afirma, ainda, que as relações de trabalho usurpam do sujeito sua subjetividade, excluindo-o e fazendo-o uma vítima de seu trabalho. Pode-se dizer que o sofrimento humano nas organizações é causado pela frustração das expectativas de satisfação pessoal e felicidade, pois quando adentra ao mundo do trabalho, o sujeito descobre que o mesmo pode ser fonte de insatisfação pessoal e profissional e infelicidade. É importante reconhecer que, o que é sofrimento para um, não necessariamente o é para o outro, mesmo quando submetidos ambos às mesmas condições adversas, ou seja, o sofrimento não tem uma manifestação única para todos os indivíduos de uma mesma família, cultura ou período histórico.

No pensamento de Dejours (1998), os sofrimentos não se apresentam de uma única maneira, estão associados a fatores laborativos, históricos e os que são favoráveis ou não à vida do trabalhador. Podem ser caracterizados por: sofrimento singular: é herdado da história psíquica de cada indivíduo; sofrimento atual: ocorre quando há o reencontro do sujeito com o trabalho; sofrimento criativo: quando o sujeito produz soluções favoráveis para sua vida, especialmente para sua saúde; e sofrimento patogênico: quando o indivíduo produz soluções desfavoráveis para sua vida e que estão relacionados à sua saúde. Este sofrimento, pode-se dizer, configura-se como uma vivência subjetiva entre a doença mental e o bem-estar psíquico. Como foi dito anteriormente, o sofrimento que era representado como algo negativo,

passou a adquirir uma nova significação que abarcava elementos patogênicos e criativos (DEJOURS, 1994).

O diferencial da teoria dejouriana foi colocar-se à disposição para a escuta dos trabalhadores para tentar compreender melhor o que lhes ocorria. Constatou-se que, diante das adversidades, os trabalhadores tentam dominar a doença de alguma maneira. Partindo desse pressuposto, Dejours (1993) elaborou seu conceito de estratégias defensivas.

2.1.2 Estratégias de defesa

Para lidar com o sofrimento vivido no trabalho, o sujeito faz uso das estratégias de defesa. Estas podem ser construídas individualmente ou de maneira coletiva. As individuais possuem um papel importante na adaptação ao sofrimento, no entanto, as construídas coletivamente podem levar a uma cooperação entre os indivíduos e contribuem para a coesão do coletivo de trabalho e um exercício do viver as adversidades em grupo, tendo um papel decisivo na estruturação do trabalho dos indivíduos. (DEJOURS, 2000)

Pode-se dizer, então, que as estratégias de defesa coletivas são mais eficientes, porém, o sofrimento vivido é individual, não há sofrimento coletivo, este é uma vivência subjetiva que não pode ser vivida da mesma maneira entre dois sujeitos diferentes. O que se pode dizer diante disso é que vários sujeitos experimentando um sofrimento único, são capazes de unir esforços para construir uma estratégia de defesa em comum. Outra diferença fundamental entre as estratégias coletivas e individuais é que, as individuais são interiorizadas, permanecem ali, mesmo sem a presença do outro, enquanto as coletivas não se sustentam sem o consenso do todo, ou seja, funcionam como normas, que são vivenciadas por todos os sujeitos daquele determinado ambiente de trabalho, porém, deixam de funcionar a partir do momento que os indivíduos não desejam mais fazê-lo.

As defesas criadas pelo trabalhador podem levar à modificação da percepção que eles têm da realidade que os faz sofrer, conseguindo, dessa forma, minimizar as percepções de suas fontes de sofrimento. Para isso, os trabalhadores passam de vítimas passivas a agentes ativos de um desafio ou de uma minimização diante das pressões patogênicas. As estratégias coletivas criam uma nova realidade a partir da negação da percepção por todos os membros daquele ambiente. Essa criação torna-se possível porque é realizada e validada de maneira coletiva, há um acordo entre todos para que isso ocorra, porém, se isso fosse feito

individualmente, o sujeito entraria em um mundo delirante, numa realidade única. Para participar das estratégias coletivas de maneira efetiva, o trabalhador deve realizar uma harmonização de seus outros recursos defensivos individuais, para garantir a coerência de sua economia psíquica singular, quando essas estratégias coletivas conferem ao indivíduo uma estabilidade que provavelmente ele não conseguiria apenas com suas defesas próprias.

Sendo assim, o sofrimento no trabalho passa a produzir um aumento da resistência ao trabalho, fazendo com que se articulem estratégias de enfrentamento e as situações desencadeantes sejam modificadas. Se essas estratégias não são eficazes, podem impedir a tomada de consciência das relações de exploração do trabalhador, levando ao triângulo sofrimento/defesa/alienação, criando-se um ciclo vicioso e se instalando a crise de identidade laboral (DEJOURS, 2004).

2.1.3 Prazer no trabalho

O reconhecimento desempenha um papel de fundamental importância para a formação da identidade, e no trabalho não poderia ser diferente. A partir desse reconhecimento, o indivíduo pode ressignificar o sofrimento e transformá-lo em prazer, beneficiando a sua saúde. É interessante dizer que, com essa ressignificação e transformação, o interesse na produção e a disponibilidade dos sujeitos para a cooperação aumentam, pois a inteligência prática é mobilizada (MENDES, 2007).

A transformação do sujeito acontecerá a partir da mobilização subjetiva relacionada ao trabalho em um processo contínuo, ou seja, o sujeito se transforma a partir do confronto de sua personalidade com as situações de trabalho. Quando encontra um empecilho à realização de sua tarefa, corre o risco de experimentar o fracasso, o que certamente lhe causará sofrimento. Esse sofrimento acaba habitando todos os espaços da vida do sujeito, pois, não conseguindo encontrar uma solução imediata para aquela dificuldade, torna-se impaciente e irritado com aqueles que fazem parte de todos os seus círculos sociais. Durante o tempo em que vive com esse sofrimento, o sujeito pode encontrar, através da inteligência prática, a solução para o obstáculo e obter reconhecimento por sua engenhosidade. Obtido o reconhecimento, experimenta uma vivência profundamente benéfica: todo o sofrimento do trabalho ganha um sentido (DEJOURS, 1993).

Através do reconhecimento do trabalho é que se processa a produção de sentido da vivência do sofrimento. É ele quem propicia uma recompensa simbólica para todo o esforço, resistência ao fracasso, vivência de novas habilidades, etc. Pode-se dizer que o trabalhador experimenta a sensação de que valeu a pena seu empenho. Dejours (1993) ressalta que o reconhecimento é sobre o trabalho e não sobre o trabalhador, ocorrendo sobre o fazer e não sobre o ser. Quando esse reconhecimento é sobre o ser, pode ser visto pelos outros trabalhadores como injustiça por ignorar todo o processo de mobilização subjetiva, do sofrimento e do mérito do trabalho. O autor destaca que é preciso seguir uma sequência ontológica no reconhecimento do saber fazer para se chegar ao reconhecimento do ser: reconhecimento do fazer, em primeiro lugar e, posteriormente, a gratificação identitária, já que a sublimação é mediada pela situação de trabalho. Sublimação essa que, na psicodinâmica do trabalho, aparece como um processo intersubjetivo no qual o outro é “um sujeito-ator socialmente situado; e a intersubjetividade desempenha um papel na ordem coletiva e não na ordem individual” (DEJOURS, 2004, p.189). Dessa forma, o reconhecimento corrobora a importância do coletivo para o processo de sublimação no ambiente de trabalho. Havendo o reconhecimento do trabalho coletivo, os sujeitos ressignificam o sofrimento, o que propicia a vivência do prazer, que conduz ao fortalecimento da identidade, renovando o entusiasmo e favorecendo a saúde.

2.2 Logoterapia

2.2.1 Bases filosóficas da Logoterapia

A Logoterapia tornou-se, no campo psicológico, a fusão do pensamento filosófico com o conhecimento científico do século XX. Frankl valoriza a existência humana representada tanto pelos filósofos quanto pelos psicólogos na construção de sua teoria e tem uma visão diretamente ligada à visão filosófica da existência e da subjetividade humana, que estão intimamente relacionadas à filosofia contemporânea de Bergson, Husserl, Scheler e Mounier. Os pensamentos que mais tiveram influência na criação da Logoterapia foram os da Fenomenologia e do Existencialismo, que tiveram seu desenvolvimento desde o início do século e representam uma busca da identidade e autenticidade humanas frente à existência na história do pensamento filosófico-científico (XAUSA, 2011).

Pode-se dizer que a fenomenologia de Husserl é o estudo dos fenômenos, da essência desses fenômenos, ou seja, deixar de buscar a aparência das coisas e buscar a essência dessas

coisas. Esse método trata de descobrir o fenômeno, a manifestação da coisa mesma, da realidade e não da aparência. A Logoterapia possui como método a fenomenologia pois nela encontrou a motivação básica do existir humano e o sentido de vida. Para chegar a essa teoria ele se utilizou de dois métodos fenomenológicos: vivência original, ou vivenciar o fenômeno, isto é, voltar-se para o fenômeno e visualizá-lo como constituinte de uma totalidade, reconhecendo-o como representado num único fato sem a cisão sujeito-objeto; e a redução eidética, que nada mais é do que surpreender o que é circunstancial e acidental e identificar a constância do fenômeno (XAUSA, 2011).

Para exemplificar o primeiro método, podemos citar a experiência de Frankl nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial. Diante das situações vividas, ele percebeu que não poderia interpretá-las, senão apenas experienciar as emoções causadas, mesmo que estas fossem dolorosas, e refletir sobre a vida, encontrar naquele sofrimento todo um sentido pelo qual viver. Na redução eidética, Frankl vai partir da ideia de que em todo existir humano há uma proposição de importância, mesmo em situações como a guerra, que é o sentido de vida, considerado como vontade de sentido. (FRANKL, 2003)

Como foi dito antes, não só a fenomenologia influenciou o pensamento de Frankl e a criação da Logoterapia. Além deste, o existencialismo exerceu um importante papel no desenvolvimento dessa teoria. É uma doutrina filosófica que tem como reflexão central a existência humana, ou, dito de outra forma, o homem é o único ser que se cria livremente a si mesmo e é uma realidade inacabada e aberta, que está intimamente ligado ao mundo e aos demais homens. Essa relação homem-mundo compõe o tema da filosofia existencialista (XAUSA, 2011). Dos diferentes filósofos que fazem parte do existencialismo, os que mais influenciaram a logoterapia são Heidegger, Jaspers e Marcel.

A filosofia de Heidegger parte do pressuposto de que, diferentemente das coisas, onde se pode perguntar pela essência, no homem, ao invés de se perguntar “o que é”, só se pode perguntar “quem é” e, nesse sentido, a existência precede a essência. Ou, dito de outra maneira, a essência do homem está em sua existência. Jaspers, por sua vez, acredita que o homem só tem sentido na transcendência, o que pode ser dito da seguinte maneira: num primeiro momento, o homem é pensado como puro estar-no-mundo; num segundo momento, o sujeito emerge da objetividade e, além de existir, tem consciência de si; num terceiro momento, o existir passa a ter significado de vida e esse existir só pode ser explicado através da transcendência. A filosofia de Gabriel Marcel, por seu turno, é a do “ter” e “ser”. Ele diz

que o “ter” faz com que o homem seja um objeto de si mesmo na realidade, ao passo que o “ser” é uma condição de desapego desse ser humano dentro do aspecto realidade, ou seja, o ser humano quando vive para si, ele vive o “ter” e quando vive para os outros, ele vivencia o “ser” (XAUSA, 2011).

Aplicando isso à psicoterapia, temos a atitude expressa na análise existencial. Sobre isso, Frankl diz que a Filosofia Existencialista do nosso tempo deveria ter-se realçado à existência do homem como algo concreto. Em sua análise existencial propõe praticar o acerto com o sentido da existência de cada paciente, considerando sua finitude e temporalidade, descritas em seus reflexos existenciais (FRANKL, 2003).

Das características do existencialismo, duas podem ser destacadas no pensamento logoteórico: o reconhecimento da pessoa como existência livre e responsável na dimensão noética; e a reflexão da vida e seu sentido, no aqui e agora existencial de cada um. Xausa (2011) diz que a análise existencial de Frankl é uma posição filosófica solidária com a filosofia alemã de Heidegger e Jaspers e tem pontos em comum com Gabriel Marcel. É a partir dessa análise que ele nos mostra a importância da existência humana e descobre no homem uma vocação para realizar suas possibilidades.

2.2.2 Principais conceitos de Logoterapia

A Logoterapia, como se sabe, foi fundada por Viktor Emil Frankl após sua experiência em campos de concentração na segunda guerra mundial. Durante o tempo que ficou encarcerado nos campos nazistas, em meio à fome, doenças e muito sofrimento, Frankl jamais pensou em tirar a própria vida. Ao contrário disso, concluiu que o ser humano, mesmo diante das piores condições, é capaz de encontrar um sentido para sua vida através de sua dimensão espiritual. Na Logoterapia, essa dimensão espiritual é denominada de *noética*, por isso se entende que o homem não é um ser guiado, mas livre e responsável por suas próprias escolhas (FRANKL, 1991)

A existência humana é um dos pressupostos da Logoterapia. Além deste, outros três são de fundamental importância para que se possa compreender a escola: liberdade da vontade, vontade de sentido e o sentido de vida. Diante do exposto, pode-se dizer que a Logoterapia tem como princípio ajudar o sujeito a descobrir o sentido de sua vida, seja no amor, no trabalho ou até mesmo no sofrimento. Este sentido, segundo Gomes (1992), não necessita ser criado e sim descoberto na vivência de cada indivíduo.

A liberdade de vontade é dada potencialmente a cada pessoa, e significa que a liberdade humana tem a finitude como parâmetro. “Visto isso, a Logoterapia é vista como uma psicologia não determinista.” (LUKAS, 1989, p. 24)

A vontade de sentido é o principal conceito logoterapêutico de motivação. Este nos diz que todo ser humano tem um sentido para descobrir e a busca pelo mesmo é incessante. O último, sentido de vida, é aquele que diz que a vida possui um sentido e que nenhuma pessoa pode perdê-lo. O motivo pelo qual o indivíduo mantém sua determinação e força para superar as dificuldades que encontra no dia-a-dia é a busca pelo sentido de vida. Ou seja, se o sujeito tem um ‘para quê’ e ‘como’ viver, tudo se torna suportável. (BENINCÁ, 2007)

Segundo Frankl (1991), o sentido de vida de cada um pode ser situacional e não é o mesmo para cada pessoa. Diante da situação vivida o sentido pode modificar-se e, alcançado o objetivo, este sentido já não o é mais e um novo surge. Dessa maneira, o sujeito pode, a cada dia, descobrir um sentido diferente pelo qual viver, um novo desafio. A descoberta desse novo sentido se dá pela liberdade de agir do sujeito. Para Cavalcante (2006) o sentido é exclusivo, específico e intransferível, podendo ser cumprido apenas pelo sujeito que vivencia a situação, nesse sentido, é importante que o homem tenha consciência de seu “caráter de algo único”. Logo, a consciência é transcendente e os valores são por ela intuídos. A diferença básica entre os valores e o sentido é que, enquanto o sentido é único, os valores são universais e se relacionam com a condição humana. Frankl apresenta três categorias de valores: o valor que permite ao homem agir no mundo (homo faber – valores de criação, produção); o valor que permite ao homem receber algo do mundo (homo amans – valores vivenciais, como amor, gratidão, amizade, beleza); e o valor que leva o homem a transformar as suas situações limites, de sofrimento em realizações (homo patiens – valores atitudinais) (AQUINO, 2010).

Além de tudo que já foi citado, há também o vazio existencial. Diante da atual situação vivida pela sociedade de falta de perspectiva e esperança, o indivíduo vive uma espécie de angústia que faz com que ele não tenha um bom motivo para seguir em frente, não encontrando, assim, o sentido de sua vida. Segundo Gomes (1992), estando a pessoa sem fé e esperança na vida, perde o sentido que lhe atribui a capacidade de transcender e de superar-se através de uma orientação da sua vida no mundo.

O vazio existencial, para a Logoterapia, é o grande responsável pelas neuroses e depressões, ocorrendo, em maior parte, nas sociedades mais modernas, onde as pessoas

dispõem de mais recursos e um maior bem-estar físico. Isso se dá pelo fato de que a disponibilidade de recursos para viver não significa que se tenha um sentido pelo qual viver, posto que o sentido transcende os recursos materiais. (BENINCÁ, 2007)

A Logoterapia tem como objetivo, nesse sentido, proporcionar o bem-estar e auxiliar o sujeito na busca pelo sentido de sua vida. No entanto, não se trata de perguntar pelo sentido da vida, mas sim de responder-lhe, dando à vida uma resposta. Resposta essa que, em cada caso, talvez não se possa dar efetivamente em forma de palavras, mas com ações, através do agir. Será a partir dessa atitude que o sujeito enfrentará as mais diversas situações que podem surgir no dia-a-dia, sejam elas de prazer ou sofrimento.

2.2.3 O Sentido do Trabalho na Logoterapia

O trabalho tem um papel de grande importância na vida do homem, pois foi e é através dele que é possível garantir a subsistência da espécie humana. Álvaro-Estramiana (1992) cita que o trabalho e, mais precisamente, o emprego, possui um papel central na vida do homem. Dessa forma, é um fator de socialização e realização, não sendo a subsistência sua única função. Além disso, pode-se dizer que o trabalho tem, como função secundária, a formação da identidade do sujeito, visto que, desde a infância, sua socialização é direcionada ao trabalho, à concentração em uma única atividade, em lidar com autoridade e isso pode ser visto na estrutura da educação infantil. No entanto, não é apenas na formação da identidade individual que o trabalho atua, mas também na construção da identidade social, através do convívio com outros em um determinado meio, o que lhes possibilita sentir-se parte do todo (BORGES e YAMAMOTO, 2004).

No espaço concreto do dia-a-dia, o homem não pode ser substituído ou representado por outro. Como já foi dito antes, o homem deve ser consciente de que é único e, sendo único, tem para si uma missão de vida. Os valores criativos ocupam o primeiro plano na missão de vida do sujeito e o trabalho representa o campo em que a unicidade do indivíduo se relaciona com a comunidade, recebendo, dessa forma, sentido e valor. Entretanto, esse sentido depende de cada caso e não é a profissão em si que fará com que o sujeito se sinta pleno, ou seja, “a profissão não é suficiente para tornar o homem insubstituível, mas pode dar-lhe a oportunidade de vir a sê-lo” (FRANKL, 1989, p. 160).

Atualmente, verifica-se que muitas pessoas depositam em determinadas profissões suas esperanças de satisfação. De acordo com o que diz a logoterapia, não é necessariamente a

profissão que vai importar e sim quem a exerce e a maneira como ela é exercida, isso é o que fará com que os indivíduos encontrem o sentido pleno em suas profissões (FRANKL, 1989).

Por outro lado, determinadas condições de trabalho são capazes de frustrar a realização única do sujeito. É o caso, por exemplo, dos trabalhadores operários que tem uma profissão tão impessoal e padronizada. Nestes casos, o objetivo desses trabalhadores é possuir os meios necessários para viver, não tendo a profissão exatamente um sentido. Para eles, a vida só começa em seu tempo livre e o sentido a ela conferido está no modo livre e impessoal como o trabalhador o organiza.

Em se tratando de falta de sentido, não somente no ambiente de trabalho ela existe. Há casos onde, quando não está trabalhando, o sujeito não consegue encontrar um sentido pelo qual viver e acaba caindo no vazio existencial, o que pode gerar a neurose de desemprego ou a neurose dominical.

2.2.4 Neurose de Desemprego

Quando o sujeito deixa de trabalhar, ficando em situação de desemprego, pode tornar-se apático, desinteressado e sem iniciativa. Em determinados casos, o desempregado experimenta a vivência da desocupação e pode começar a se sentir inútil, pensando que, sem trabalhar, sua vida não tem sentido algum. Dessa forma, o desemprego causa um vazio existencial que conduz a uma neurose dominical permanente, ou seja, a neurose do desemprego (FRANKL, 1989).

É importante ressaltar que Frankl (1989) assume que os sujeitos acometidos pela neurose do desemprego são aqueles que já possuem alguma neurose e o desemprego é visto como uma desculpa para todos os insucessos da vida, os próprios erros do indivíduo passam a ser apresentados como resultado de sua atual situação, como se o desemprego o eximisse de qualquer responsabilidade sobre sua vida. Entretanto, pode-se visualizar na neurose do desemprego uma decisão existencial, já que o homem pode decidir se se entregará ou não às forças do destino social. Vale salientar que a neurose de desemprego não atinge apenas os desempregados, podendo em alguns casos, atingir pessoas que estão trabalhando.

Por outro lado, há os desempregados que não sofrem da apatia e do desinteresse dos neuróticos. Estes buscam preencher seu tempo livre com outras atividades diferentes das laborais. Pode-se dizer que esses sabem dar pleno sentido ao tempo extra que tem nessa

situação. É claro que não deixam de passar por situações difíceis, porém não se deixam abater pelo desespero. “É que souberam dar à vida conteúdo e guarnecê-la de sentido” (FRANKL, 1989, p. 165). Com o que foi dito, percebe-se que o indivíduo pode definir, em cada caso, que tipo de desempregado será: o que ainda encontra sentido para sua vida ou o que se entrega completamente à apatia. Sendo assim, a neurose do desemprego não é consequência imediata do desemprego, aliás, pode ser o desemprego a consequência da neurose. O que se pode fazer nesses casos, enquanto psicoterapia, é a análise existencial mediante a qual o sujeito reconheça sua liberdade diante do desemprego, adquira consciência de suas responsabilidades e veja que é possível encontrar um sentido para sua vida.

2.2.5 Neurose Dominical

Na logoterapia, em se tratando de trabalho, há outro tipo de neurose: a neurose dominical. Nesse tipo, o sujeito encontra na vida profissional um refúgio para o vazio e a falta de sentido de sua existência, características que afloram no dia em que não vai trabalhar: normalmente o domingo. Na tentativa de “fugir de si mesmo”, o neurótico busca atividades que façam com que seu tempo livre seja o mais breve possível, para que não necessitem encarar o quão sem sentido é sua vida quando está fora do ambiente de trabalho (FRANKL, 1989).

A velocidade com que as coisas acontecem no mundo também são responsáveis pela velocidade com que o ser humano precisa desenvolver seu trabalho e isso pode fazer com que o sujeito viva uma frustração existencial. Diante dessa frustração, ele vai buscar no trabalho uma maneira de preencher todo seu tempo e a busca pelo sentido transforma-se em uma vontade muito grande pelo poder que pode ser alcançado através de seu trabalho. Frankl chama essa gana por dinheiro e poder de “mal do diretor”. As pessoas acometidas por esse mal se caracterizam por priorizarem o trabalho completamente como uma maneira de preencher a frustração existencial. O ritmo de vida também é um fator relevante nesse mal. Quanto mais acelerada for sua vida, menos tempo para pensar em seu vazio interior terá o sujeito (FIZZOTTI, 1996).

As técnicas utilizadas na Logoterapia para auxiliar o sujeito na descoberta do sentido do trabalho, seja na neurose de desemprego ou na dominical, são a intenção paradoxal e a derreflexão. A intenção paradoxal funciona a partir de uma ansiedade antecipatória, provocando um grande temor no sujeito através do sintoma, daquilo que é tão temido. O

paciente deve, nesses casos, intencionalmente focar sua atenção para o medo e confrontá-lo. A derreflexão é a técnica que faz com que o sujeito se conscientize de sua responsabilidade diante da situação vivida e enxergue que a vida, fora do trabalho, também pode estar carregada de sentido. Pode-se definir esta técnica como sendo uma tentativa de mudar o foco da atenção do homem de si mesmo para algo diferente.

2.3 Apontamentos comparativos entre Logoterapia e Psicodinâmica do Trabalho

Como foi visto anteriormente, o sentido do trabalho está presente em ambas as teorias: tanto na Psicodinâmica do trabalho quanto na Logoterapia. Pode-se dizer que na Psicodinâmica de Dejours, o trabalhador confere um sentido ao seu trabalho quando pode perceber que, ao final de todo processo, sua identidade está engendrada naquilo que foi realizado, ou seja, além dele as outras pessoas também serão capazes de reconhecê-lo naquele trabalho. Na Logoterapia de Frankl, o trabalho passa a ter sentido quando o sujeito consegue adicionar àquela determinada atividade sua singularidade, seu caráter de algo único. É através desse trabalho que o indivíduo evidencia sua unicidade à comunidade. Atualmente existem determinados postos de trabalho que não proporcionam o desenvolvimento da singularidade do sujeito, pois suas funções são mecânicas e o trabalho é fragmentado, não podendo, dessa forma o trabalhador, identificar ao final do processo nenhuma característica própria de si e, conseqüentemente, não encontrando um sentido no trabalho que realiza.

Assim, podemos verificar que, nas duas teorias, a liberdade para expressar a identidade do sujeito é de fundamental importância para a descoberta do sentido do trabalho. Nesse ponto, pode-se dizer que essas teorias têm uma visão similar sobre o mesmo objeto podendo ele ser estudado a partir das duas perspectivas.

Além disso, podemos dizer que há conceitos dejourianos e franklianos que se complementam. No trabalho, o indivíduo espera receber dois tipos de gratificação: real e simbólica. A real, nada mais é que o salário pago ao funcionário pelo serviço prestado à organização. A gratificação simbólica é o reconhecimento recebido, não apenas por parte dos outros trabalhadores, mas também da família e de seus amigos. Mendes (2007) fala que, através do reconhecimento, o indivíduo pode transformar o sofrimento vivenciado pela falta de sentido no trabalho, em prazer. Vale salientar, novamente, que o sofrimento não é o mesmo para todas as pessoas, ou seja, o que é sofrimento para alguns, não necessariamente o será para outros. A Logoterapia complementarizará esse conceito dizendo que se o reconhecimento

ocorre pela inteligência e criatividade, que são as características da singularidade do sujeito, pode ser que o trabalhador ressignifique sua profissão e talvez lhe encontre um sentido (FRANKL, 1989).

Por outro lado, a maneira pela qual essa gratificação simbólica se dá é o ponto de divergência entre os dois autores. Na Logoterapia, essa gratificação se dá através do preenchimento dos valores (criativos, atitudinais, vivenciais) e se trabalha sempre no nível da consciência, visto que tem como base a fenomenologia. Já a Psicodinâmica do Trabalho vai buscar elementos da Psicanálise, como o inconsciente, para esclarecer como essa gratificação atua no indivíduo e, se não há gratificação, ou seja, se o trabalho não é reconhecido, o trabalhador procurará desenvolver mecanismos subjetivos de defesa pré-conscientes ou inconscientes, chamados por Dejours de estratégias defensivas, para manter seu equilíbrio mental.

3. Comentários finais

Ao longo da trajetória de estudos sobre o trabalho percebemos sua importância na vida das pessoas. Na Grécia antiga, era considerado algo degradante para os cidadãos livres e ocupava um lugar secundário no pensamento social (BORGES e YAMAMOTO, 2004). Na Idade Média, o trabalho consistia na relação de exploração entre senhores feudais e servos. Apenas na era do Capitalismo o trabalho passa a ser visto como algo bom e surge a ideia de que o trabalho é libertador, desenvolve e preenche a vida do sujeito (RIBEIRO e LEDA, 2004). Nesse percurso vemos que o trabalho adquiriu um papel central na vida do homem, sendo um importante fator de socialização. Com essa centralidade e toda sua importância, o trabalho passa a ser estudado de maneira mais profunda e, não somente o trabalho em si, mas o sentido que é dado a esse trabalho. O modo como são estudados, como são analisados podem ser observados em diferentes perspectivas dentro da Psicologia, mais especificamente, analisadas sob as perspectivas da Psicodinâmica do Trabalho e da Logoterapia.

Com a Psicodinâmica do Trabalho foi possível perceber que o trabalhador consegue, mesmo que de maneira inconsciente, criar métodos próprios e coletivos que protejam sua saúde mental do sofrimento que pode ser vivenciado em consequência da organização do trabalho e, através dessas defesas minimizam o sofrimento podendo até, através do reconhecimento, ressignificá-lo e reconhecer aspectos de sua identidade no produto final e, por fim, transformá-lo em prazer.

Na Logoterapia, percebe-se que o homem é capaz de encontrar um sentido para sua vida mesmo diante de situações inimagináveis, sendo livre e responsável por aproveitar ou não cada situação e de encontrar, ou não, o sentido através dela (FRANKL, 1991). No que diz respeito ao trabalho, mais especificamente à profissão, o que lhe atribui um sentido é, segundo Frankl (1989), a singularidade do trabalhador e a maneira como ele realiza sua profissão.

Diante do exposto, pode-se dizer que o sentido no trabalho pode ser encontrado nas organizações mesmo diante dos sofrimentos que podem ser vivenciados pelos trabalhadores e que isso pode ser feito sob a ótica de duas escolas que diferem entre si em suas bases filosóficas e metodologias. Por outro lado, a relação Logoterapia e Psicodinâmica do Trabalho carece ainda de estudos mais aprofundados, que permitam um maior entendimento de como é possível o diálogo dessas duas teorias no que diz respeito ao sentido do trabalho.

Referências Bibliográficas

- ÁLVARO-ESTRAMIANA, J.L. Funciones del trabajo. IN: **Desempleo y bienestar psicológico**. Madrid: Ed. Siglo Vientiuno – España, 1992.
- AQUINO, Thiago Antonio Avellar de (Org.) ; Damásio, B. F. (Org.) ; SILVA, Joilson Pereira da (Org.) . **Logoterapia & Educação : Fundamentos e Prática**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2010. 184p
- BENINCÁ, A.C. **Sentido e Saúde: uma perspectiva logoterapêutica**. Itajaí, SC: UNIVALI, 2007.
- BORGES, L.O.; YAMAMOTO, O.H. O mundo do trabalho. In: ZANELLI, J.C.; BASTOS, A.V.B.; BORGES-ANDRADE, J.E. (orgs). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. Porto Alegre: ARTMED: 2004.
- CAVALCANTE, R.C. **O homem em busca do sentido da vida**. Revista Psicologia Brasil, v. 03, n. 27, dez 2005 – jan 2006.
- DEJOURS, C. **Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações**. O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1993.
- _____. **A loucura do trabalho: estudo de Psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1998.
- _____. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- _____. Addendum. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LACMAN, S.; SNELWAR, L.I. (orgs). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz; Brasília: Paralelo, 2004, p. 47-105.
- DEJOURS, C.; ABDOUCHELLI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.
- DESSORS, D.; SCHRAM, J. **Le travail social, la peur au coeur**. Paris, 1992.
- FRANKL, V.E. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial**. Tradução de Alípio Maia de Castro. São Paulo: Quadrante, 1989.
- _____. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 24 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
- _____. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. 10 ed. São Paulo: Santuário, 2003.
- GOMES, J.C.V. **Logoterapia: a psicoterapia existencial de Viktor Emil Frankl**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- LUKAS, E. Classificação e axiomática da Logoterapia. In: **Logoterapia: a força desafiadora do espírito**. Rio de Janeiro: Leopoldinum Editora, 1989.
- MENDES, A.M. (org). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

RIBEIRO, C.V.S.; LEDA, D.B. **O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva**. Estudos e pesquisas em Psicologia, UERJ. Rio de Janeiro, Ano 4, n. 2, p. 73 – 83. 2004.

XAUSA, I.A.M. **A Psicologia do sentido da vida**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2011. Cap. 2, p. 71-100.